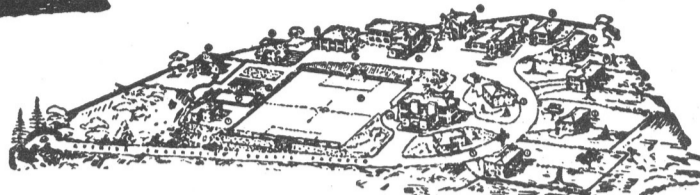




Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XIX — N.º 483 — Preço 1\$00
15 DE SETEMBRO DE 1962

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENCA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA de Coimbra

Tinha acabado de chegar da nossa província tão portuguesa de Angola. Por aquela imensidão que Deus tão pródigoamente confiou à acção civilizadora e cristã dos Portugueses de há quinhentos anos nós encontramos pègadas bem marcadas da nossa vida nacional. Algumas dessas pègadas estão agora apagadas, por efeito da acção destruidora do homem que não acredita numa civilização que tem de ser impregnada de justiça e amor, cuja consequência é a paz.

Quando o homem se deixa vencer simplesmente pelos seus próprios interesses, cava a sua própria ruína, cria um ambiente perigoso e destrói a alma dos seus antepassados.

Tinha acabado de chegar, depois de um mês de ausência e ia a sair da nossa casa de Coimbra. Era ao fim do dia. Vejo apróximar-se um casal com os filhinhos mais novos. Somos já conhecidos de há muito. Vinham perguntar-me se eu já tinha uma casinha para eles.

Têm onze filhos vivos. Ele há anos que gastou os pulmões e há cinco meses que não trabalha. Recebem cem escudos semanais do seguro. Vivem (ou morrem) numa pobre barraca de que têm de pagar renda.

Olhei-os com amargura. Pedi-lhes que peçam ao Senhor com confiança. Depuz nas suas mãos alguma coisa para a ceia daquela noite e despedimo-nos.

A caminho da Baixa parecia-me que as pedras dos passeios por onde eu descia e eles haviam subido estavam tintas de sangue e escorriam gotas de suor e me segredavam que momentos antes tinham sido pisadas e abençoadas por dois heróis, ele com os pulmões desfeitos e sem ter com que se tratar e ela carregada com doze pessoas, sem casa e com cem escudos semanais para se governar. E as pedras diziam-me ainda que naquela mesma hora muita gente por essas praias e termas gastava dinheiro sem conta, inconsciente da sorte de irmãos aflitos.

Entre em Santa Cruz, onde o Senhor do Amor, da Justiça e da Paz se estava a oferecer no Altar. Recomendai-Lhe aqueles meus irmãos em quem Ele vive crucificado e recomendai-Lhe também todos aqueles que O não conhecem ou fingem não O conhecer.

Padre Horácio

Aqui, LISBOA

Nesta lida dos Pobres não é tanto a insuficiência deles que atormenta. Muito mais o seu declínio. Gente fidalga, cuja vida e corpos, hoje são farrapos; gente de dinheiro, cujo único sustento é a esmola trazida a casa; homens possantes, que hoje não têm forças para andar. Se a pobreza pode ser um bem saudável como virtude, como condição social é mal terrível. Da pobreza à miséria é um passo. E a miséria não é um termo, mas um caminho — o da degradação e corrupção da espécie. Tenho visto muitas mães sem feições de mulheres; muitas crianças com aspecto de velhos. Rostos e corpos enxutos de carnes, enrugados de pele, minados de doença. Em quantos, estranhos olhares animalescos e dementados!

Ora dado o incremento, imposto pela sociedade moderna, das condições de sobrevivência dos pais, os filhos destes o que serão amanhã? A corrupção da espécie está latente nos bairros superlotados, nos casarões velhos e nas barracas imundas onde se acolhe um mundo de gente. A degradação está a processar-se lenta mas visivelmente e passa de pais a filhos. Quando se olhar o problema da miséria com calor humano (Amor cristão já a nossa sociedade o rejeitou) teremos de recolher os braços por incapaci-

dade. Na sua recuperação teremos de domesticar o homem novamente!

Ele há o gosto pela última palavra em modelos de estábulos para animais; ele a técnica apurada de alimentação científica. Há a assistência médica mais desenvolvida para atenuar as falhas na vivência e apuramento de raças. Cultiva-se o mais belo, o mais possante e o de maior rendimento económico. Para um miserável a técnica alimentar, os recursos à medicina, a promoção social são letra morta. Coisas até desconhecidas e inatingíveis por ele. Tudo o que digo pode parecer congeminação obtusa a quem só conhece o mundo pela fachada. Tudo isto é verdade crua, quando subo as veredas, desço às barracas, onde a fachada caiu, o fantoche passou e o mundo agoniza.

Um caso. Não é de Lisboa, mas aqui da porta. Uma casa velha, e um velho. A casa caiu aos bocados; o homem decaiu também. Caiu o telhado, abateram as paredes. O homem ficou demente e as pernas já não aguentam o corpo. Uma ruína à sombra doutra. Calça e cacos cobrem o chão, onde penetra o sol ou cai a chuva. Trepadeiras agarradas aqui e ali, substituem as paredes derubadas. Ali um homem nas-

ceu, cresceu e agoniza lentamente. Uma ruína à sombra doutra. Outrora o mais valente

Continua na página DOIS



...E até os Pobres são mais POBRES.



Ao fundo a CIDADE, no primeiro plano outra cidade. Lisboa, a Capital, também o é nas barracas.

FACETAS DE UMA VIDA

Continuamos rebuscando notas em velha correspondência de Família.

Carta, datada do Bairro, 31 de Maio de 1906, dirigida pelo Pai ao P.e José, dá conta da morte de um Tio e das trapalhadas por causa da sua herança, «para que ve-

jas quanto a excentricidade humana tem inventado até hoje em matéria de testamentos».

Não é a primeira vez que encontramos alusões a complicações testamentárias nesta correspondência. Quem sabe se não poderemos filiar nestes pleitos familiares aquela repugnância natural por bens de mão morta, que mais tarde, por motivos sobrenaturais, Pai Américo havia de repudiar em definitivo, ao deixar-nos esse repúdio em testamento espiritual!...

TEARES

É de tarde. Está muito calor. Ali as videiras e aqui os jardins estão murchos. A sombra daqueles frondosos plátanos, entre a Casa 2 e Casa 3, estão os teares. Estão lá o Domingos e o Chico. Trabalham, muito contentes, no que é seu:

— Vês, isto aqui não é como a Tipografia. Aqui trabalha-se...

— Olha para esta sarja. Não há ninguém que a fabrique melhor do que nós. É do Gaiato...

— Podes puxar, é forte, resistente, dura uma vida inteira. Podes dizer no jornal que todas as pessoas que queiram comprar o podem fazer. Nós queremos dar lucro e ver sempre os teares a andar...

Andamos em direcção à porta e vimos um anúncio:

«AQUI VENDE-SE PANO AOS MAIS BAIXOS PREÇOS»

A letra está mal desenhada e tem mesmo dois erros de palmatória mas os senhores podem estar descansados, porque o pano não é como a letra. É bom de verdade. Nós queremos ver os nossos teares sempre a trabalhar. E, para que haja melhor pano, é bom que os Senhores façam as encomendas.

O Domingos tem gosto pelo ofício. Tem tudo arranjadinho. É jeitoso e tem contribuído, desta sorte, para o progresso da nossa aldeia. E não quer retroceder.

daniel

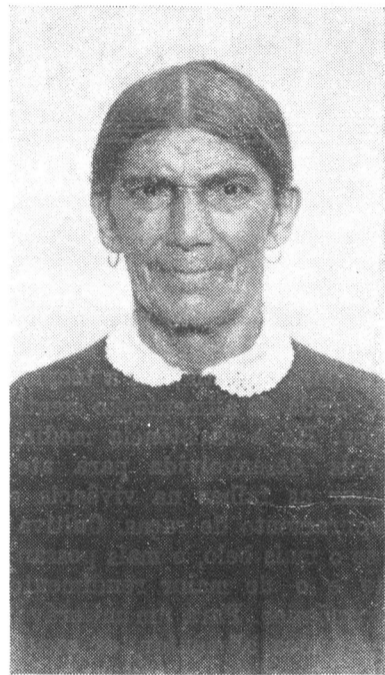
AQUI LISBOA

Vem da página UM

da terra; hoje passa o dia sentado no chão, junto da parede que há muito ruíu, onde come o que lhe levam. Se ao menos, soubesse levantar os olhos para a Misericórdia de Deus e dizer num lamento: — «Eu sou um verme e não um homem, a vergonha do género humano e o rebatalho do povo!»... (Salmo 21).

Oxalá saibamos a tempo ouvir o lamento que não chega a ser dito e fazer pelos miseráveis o que é imperioso à nossa consciência de cristãos.

Padre José Maria



A Senhora Rita de Antelagar

Nesta mesma carta há uma pequena alusão ao jovem Américo: «...em Outubro vai ver terras d'África».

Em 6 de Julho do mesmo ano nova carta para o P.e José. Desta vez é da Rita, a velha criada, de um tipo patriarcal, que, se ainda existe, é digno de museu.

«Josézinho

(...) Se eu soubesse escrever que não fôsse preciso incomodar ninguém, havia de ser mimoso de cartas. Mas como não sei, vae só uma de quando em quando, não sendo eu culpada. (...) Como encontrei o Américo de geito aproveito a ocasião.

E a carta segue, em caligrafia ainda de adolescente e numa prosa muito espontânea, muito saborosa, onde se nota a fidelidade do escrivão à voz da velha Rita que ditava.

E eu fico a rever quadro semelhante, meio século mais tarde. Agora era ao invés. O pequeno Américo de então, tornado Pai de muitos filhos, chamava um deles e ditava-lhe. E preferia um que não escrevesse muito bem, que soubesse esperar pelo ditado. Júlio, Bonifácio, ou outro da mesma sorte, não lhe serviam — que acabavam depressa demais a sua escrita e atropelavam-lhe o pensamento com um impaciente: «que mais?...»

Em 15 de Julho de 1906 o Pai voltava a escrever ao P.e José, agora de Arouca. A carta não tem novidades de maior. Apenas confirma a próxima partida do Américo. No entanto, não resisto a deixar, nesta recolha de lembranças antigas, dois pequeninos trechos, cheios de beleza e graciosidade:

A Casa do Eduardo

Ele não é daqui. Apareceu-me a dizer que tinha mulher e dois filhos e todos viviam sem telha que os agasalhasse. Fui ver e era verdade. O senhorio despediu-os e agora pernoitavam debaixo do alpendre duma escola, mas nem ali podiam continuar. Falou em construir uma casa e começámos a estudar como conseguir isso. Quanto tem para começar? — Nada, foi resposta.

Sabe trabalhar em cestos e tem encomendas, mas faltava-lhe dinheiro para comprar a madeira própria. E onde trabalhar? Onde há-de ser a oficina?

Alguém ofereceu-lhe o terreno e riscou-se no chão o tamanho da casa a construir. Isto foi fácil. Com a mesma facilidade tomou logo posse do local. Para ali trouxe com igual facilidade tudo o que tinha pois era bem pouco. Tornei lá e vi estendido sobre a terra um cobertor fino que era a cama dos quatro e nada mais. Há dois ou três meses que vivem assim: no meio duma leira, uma manta no chão, talvez outra por cima e pronto — e desta forma imaginam-se dentro duma casa. Perguntei-lhe como faria se chovesse. Disse-me que há tempos tinha chovido de noite e que pedira um guarda chuva para a mulher que tinha ao colo o filhinho mais novo e que ele e o mais velho se abraçaram e se cobriram com um lençol e assim equipados receberam toda a água.

Um dia, depois duma cura milagrosa, perguntaram ao Divino Mestre de quem seria a culpa daquele mal. Hoje, igualmente nos apetece perguntar se o Eduardo não terá motivado as circunstâncias em que se encontra. Seja como for, o Evangelho diz que o milagre se deu e nós não vemos outro caminho senão darmos as mãos e cooperarmos para aquela família ficar abrigada. Que ninguém pergunte a quem pertence a obrigação. Que desta vez não passe adiante nem o sacerdote... nem o levita... mas todos olhemos para aquele que é nosso próximo e precisa de nós. A casa já começou a subir e cada teijolo anda à volta de 2\$00. Se a casa ficar com sete metros por seis, é fácil saber quantos são precisos. Para a telha já tem o dinheiro preciso.

(in «A Sombra de S. Domingos.»)

«P.e José

Tal qual o filho pródigo do Evangelho, voltou à casa paterna a carta que em Janeiro passado te escrevi. Não dissipou, como aquele, o património que levou consigo, por isso não carece, como o outro, do agasalho e carinho paternal. Portanto, rua! volte para onde andou (...)

Toda a família, exceptuando os tios de Várzea, que vão paleando e sempre gemendo, está óptima e de boa saúde. Américo vae em Outubro para o Chinde. Deus permita seja mais feliz que o Zeferino o foi.

Quando virás ver-nos antes que eu tenha frio o céu da bocca?

Teu pae

Ramiro»

Não é uma parábola. É uma história verdadeira que serve de parábola a milhares de outras histórias verdadeiras por esse mundo além.

A casa do Eduardo... Quantas casas de quantos Eduardos esperam por nós, os que temos casa e casas, e às vezes mais que duas e três, e em cada uma quartos e salas... e salões!... Quantos!...

Quantos Eduardos têm o seu sonho (e a sua urgência!) encarcerado dentro de uma carta, que se põe a outra e outra e faz montanha sobre a minha secretária?...

Quantos e quantos que vão consumindo a sua paciência até ao desespero, enquanto se não cumprem outros planos que sempre vão tendo prioridade sobre o seu: uma casa para a sua família — para que a Família se não perca, para que seja realmente Família, para que seja célula saudável, alfobre

de outras células saudáveis, a fundamental e a prometer saúde ao grande Corpo Social que as Famílias integram e se chama Nação!...

Quantos que têm sangue, suor e audácia prontos a receber um pouco de fraternidade — e são, assim, capazes de levantar uma casa, a SUA CASA, que não terá salas nem salões, nem fachada «pra inglês ver», mas os quartos precisos e um sanitário e os arrumos e uma cosinha onde se faz e come o caldo e **SE CONSTROI a Família em redor do lar!**

Tudo tão simples, tão eficiente, tão verdadeiro: Fazer homens, fazer Famílias, que se reproduzem em mais homens, com um capital menos das algebeiras do que das inteligências e dos corações!

Tão simples, tão eficiente, tão verdadeiro!... Será por isso que os homens ainda não repararam, nem compreenderam?

RETIROS

Os rapazes do Centro fizeram-no, como é costume, no Santuário da Senhora da Piedade. Os do Sul ainda não. Os do Norte voltámos a Singeverga, aonde faltávamos há dois anos.

Não é obrigatório ir a Retiro. Mas é obrigatório cumprir seriamente para aqueles que quiseram ir. Tem sido assim. Quanto sobermos e pudermos, será, cada vez mais, assim. O Retiro é apuramento de seriedade. Já é preciso ser sério, ao menos em desejo, para querer ir ao Retiro. Quem durante ele não revelou este propósito é que se enganou, ou quis enganar. Esse não aproveitará nada. Aos outros desaproveitará muito a sua presença.

Os frutos do Retiro ver-se-ão depois. Não logo, mas depois. Logo... pode ser fervura. Depois..., é que será fervor.

Nós queremos muito ao nosso Retiro anual e temos a dizer muito bem dele. Não importa que não possamos afirmar que são muitos os que ali tiveram o seu arranque. Um que fôsse... e valeria a pena! Mas são vários, por graça de Deus. Uns têm encetado a primeira «étape» para uma vida mais séria, depois daquela prévia nostalgia de realizarem a sua personalidade fora dos valores levianos em que estiveram presos até então. Outros têm dado um passo em frente e acima. E não é menos importante a perseverança dos justos que a conversão dos pecadores!

Venho feliz dos dois turnos em que participei. Correram bem, mas não quero iludir-me sobre a generalidade do aproveitamento. Ele há-de revelar-se ao longo do ano na maior caridade que cada um dos retirantes puser na sua vida de relação com o próximo. E como a carne é fraca... nem que o espírito esteja pronto..., esse mesmo retirante terá que alimentar a sua debilidade no Cristo-

Pão para melhor compreender a presença real de Cristo no próximo e permanecer eficaz, praticamente, na atitude-consequência dessa compreensão.

Esse com certeza que terá aprendido, ou apreendido mais profundamente, a estimar a Graça de Deus — e guardá-la-á com todas as suas forças mais as d'Ele.

Porém, há outra razão em que eu fundo as minhas esperanças sobre este Retiro. É que foram muitos a rezar pelo seu êxito. Foi o cofre da Comunhão dos Santos ao nosso dispor durante aqueles dias.

E entre todas as comunicações recebidas houve uma, tão saborosa ao meu coração, que não resisti a rezá-la em acção de graças ao Jesus do Sacrário. Ei-la:

Esta carta que escrevo é para todos os nossos, para eu marcar, ao menos, a presença, uma vez que não posso estar pessoalmente.

Mas não julgueis que eu não sinto, que não estou presente espiritualmente. Não, eu disse-o ao Sr. Padre Carlos quando aí estive e assim aconteceu.

Oportunidades como estas são poucas. São os momentos mais longos que nos unimos a Cristo, que confraternizamos mais com Ele, que estamos mais em Graça.

Uma pessoa depois de habituada a frequentar o retiro, e uma vez que não pode, como ve-se.

É uma vez por ano que fazemos a nossa rodagem. Sendo bem feita...

São momentos de aperfeiçoamento para quem quer ser filho de Alguém que é Grande: O Cristo.

Uma pessoa é obrigada a sentir-se e por isso que remédio tem senão desabafar; é derrotada pelo seu silêncio.

Rapazes obreiros que estais

OS doentes ficam tão contentes quando sabem que são estimados por ti! Quando verificam que os amas por meio daquilo que lhes mandas! E tu não vais ficar menos radiante ao conheceres que deste alegria ao teu próximo!

Repara bem que vais por certo aqui neste correr da pena.

Casal amigo, de Coimbra, envia 300\$ mais a sua acção de graças por não ser aleijado, nem farrapo humano.

Viúva d'África com 20\$. Doente para doentes com outro tanto muito habitual. Maria Adelaide de Lourenço Marques com dez vezes mais. Pecadora assinante com 40\$, que vem dando vai em cinco anos para apagar os seus pecados. Doadora de sangue, da Foz, com 20\$. Jorge e Berta com 70\$. M. Fernanda com 50\$. Julieta com cem por alma do marido. Engrácia com metade. Raul com 20\$. Anónima da R. das Papoilas com 50\$. Ana com o dobro. M. Fernanda, do Porto, com cem. José, de Algés, com 500\$. M. C. com as últimas prestações da promessa que fez. S. A. J. com cem. Amiga da Palhaça com 250\$. Maria do Sul, com o pai hemiplégico, manda 100\$ para os que com ele se encontram. Que seria do mundo se não fora a comunhão dos Santos! É ela que o sustenta. Outra Ana com 50\$00. Mais «Eu sou Pobre mas prometi mandar 50\$00 logo que pudesse». Grande devoto com a terceira migalha de cem. Portuense qualquer com 20\$. Emília, de Lisboa, tão amiga dos doentes, com 500\$. Amélia da capital com 30\$. Humilde portuense com cem. Luiza, de L. Marques, com mil. É outra apaixonada de há muito. Senhores de Baião com 200\$. Mais outro «eu e minha mulher, de Lisboa, com 200\$». J. S. vem com cem.

Promessas são cumpridas. Esta é de cem. Estoutra, do Alandroal, é de 500\$. Mais outra de Lisboa de 200\$. Aos 16 meses do neto torna o avô com 50\$. Este vem com 20\$ pelo bom êxito da operação. Mais alguém à memória de Francelina com 20\$. Por alma de Maria, 500\$.

Os assinantes também se apresentam. Muitos vêm com excedentes ao pagamento da assinatura. Este com 50\$. Aquele com 20\$. Outro com cem.

Muitos são anónimos. Conhecemos apenas a proveniência da localidade. De Vila Real de Santo António 225\$. De Águas Santas 50\$. De Lisboa o dobro. Da Murtosa 50\$. De Braga cem. De Chaves outro tanto. De Coimbra metade. Do Porto 50\$, «por alma de meu filho». De Coimbra um velho amigo manda cem. De Rebordosa outro tanto. De Espinho 50\$.

No Espelho da Moda deixaram um embrulho e donativos diversos no montante de 2.610\$, até fins de Maio. A porta do Monumental em Lisboa entregaram-nos 500\$ e mais 1.000\$. E ainda o aumento de ordenado, 300\$. A capital marca ainda com mais cem. A queima das fitas foi dividida com o Calvário, recebendo nós doze contos. Bem haja quem teve a feliz ideia de repartir.

Excursão de Gondomar deixou carinhos e 250\$. Excursão das alunas do Liceu Rainha Santa Isabel entregou 1.100\$.

Ainda aqui está uma migalha de José Manuel. Outras tão certinhas da Caixa-Geral de Depósitos de Braga. Mais um colchão do Porto. E que macio ele é!... Também temos aqui a segunda prestação de dez que hão-de vir. «Oferta» torna com uma das muitas. Visitantes vão deixando o seu óbulo. Outros mandam-no «para os meus irmãos doentes». Senhora amiga e velha conhecida envia pequena lembrança para minorar os sofrimentos dos doentes. Alguém vem trazer aqui mais 200\$ para lembrar dois casais que foram felizes.

Os peditórios que fizemos em Coimbra somaram 9.000\$ nas duas Sés, e 6.500\$ em S. José.

Tu, que te deste, sabes melhor do que ninguém o que os números representam. Ama e viverás.

aí, aperfeiçoai-vos, ajudai o nosso Pai Américo e os mais pequenos. Se assim fosse...

Mais nada, o tempo é pouco, e não se esqueçam de se acolherem ao menos nesse curto espaço de tempo em que Deus vos deu e meditarem nos bons e maus períodos da nossa Obra para ser cada vez melhor.

Não se esqueçam também de rezar uma Avé-Maria por mim

e por todos os nossos.

São dois anos sem vos ver. Nem para rever deus tempo. Um abraço.

É um filho nosso forçado-ausente pelo serviço da Pátria. Nesta carta, nesta prece de comunhão, não é tanto a sua inteligência que fala. É a palavra da Escritura que se cumpre: «Pela boca das crianças, dos simples, diz Deus a Verdade».

Continho

DOS RAPAZES

Esta carta não me pertence, meus filhos. Foi-me dirigida, mas é património que eu vos devo e de que dou contas.

Não quero complicar com palavras minhas a eloquência linear deste testemunho. Apenas quero dizer-vos que se trata de um rapaz inteligente, decerto um pouco acima do comum, e de um coração de boa capacidade. E apesar da sua inteligência, viu errado. Quis ver por si mesmo; julgou realizar-se, repudiando as certezas a que a experiência dos outros conduzira; preferiu construir o seu mundo desde a base — e acabou por seguir caminho oposto àquele que desde o princípio desejou. Encheu o seu coração, sim, mas de ilusões que se desfizeram num instante, como o mais belo fogo de artifício depressa não é mais que trevas e que cinza.

«Pensei tanto, planeei

tanto, dispus-me a tanto e confiei tanto em mim, que agora tudo se me esgotou. Tenho medo de continuar vazio. É a única coisa de que tenho medo...».

Bendito medo! Salvadora sensação, às vezes, a do vazio! Que Deus vos dê, a todos, que sofreis a tentação de «poder traçar sozinho o caminho de uma vida e de uma alma».

E agora tomai a vossa carta:

Digo sim senhor. Digo que talvez nunca na vida me tivessem feito um convite que viesse tão de encontro aos meus desejos e necessidades.

O convite é velho e a necessidade da mesma idade. Mas só agora ouço o convite, sinto a necessidade e tenho vontade.

A primeiros de Outubro parto para Moçambique. Estou em exercícios de combate e de

maneira alguma me darei licença que vá além do fim de semana. Apenas terei cinco dias nas vésperas da partida e que conto sejam nos últimos dez de Setembro.

Seja isto certo, e vá eu a tempo, irei com muita alegria porque tenho fé nesse duelo. Tenho fé que daí encetaria o regresso ao sítio de onde sou.

Tenho medo de continuar vazio.

É a única coisa de que tenho medo, porque às vezes quase caio no desespero. — Às vezes sinto como que um raio de sol a aquecer-me, e então sinto-me feliz, mas fico quieto e o sol gira, ou giro eu, e fico outra vez frio e vazio e descontente.

Pensei tanto, planei tanto, dispus-me a tanto e confiei tanto em mim, que agora tudo se me esgotou. Já não penso, não planeio e sobretudo não confio em mim.

A culpa é minha. Só

minha. Fui parvo em pensar que poderia sozinho traçar o caminho de uma vida e de uma alma. Resultado: a alma ficou atrás de uma barreira, fraca, perdida. Já não sei bem o que é a barreira, porque, como disse, já não penso. Só desejo encontrar-me, ficar completo, na minha condição e ter força cá dentro como tenho nos músculos.

Eu festejei a Sua carta da maneira mais estranha que me poderia acontecer, mas quase não reparei o que fiz. Só pensei que alguém se lembrou de mim durante um retiro; pensei na missa, pensei nas orações e pensei Nele — e vi que tudo isso me dava alegria.

Depois fui peloματο dentro, cantei, rezei e chorei: Regressei, fui à cantina e bebi uma cerveja. Tudo a festejar. Talvez tudo fosse parvo, mas foi assim.

Mesmo que não vá, eu agradeço do fundo do coração toda esta alegria que hoje senti.

Quando estiver a falar com ELE não esqueça: Uma «cunha» por mim. Muito obrigado.



agora

Há meses já que perdera o contacto com tantas letras conhecidas, que não me revelam os rostos dos que a subscvem, mas dão retratos de almas. Tinha saudades. Preparemo-nos, pois, para nos revermos, que a Prociissão vai voltar à rua.

Um bilhetinho do Tojal diz que ali, ou no Montepio, «um pecador» deixou 1.200\$, uma Helena 100\$ e uma Maria Luisa 25 contos.

E agora mais três casas por inteiro: uma de 12 contos — «Casa da Mãe Elisa», outra de 13 — «Casa aos nossos Filhos»; e a 5.ª casa das alunas do Liceu Rainha S.ta Isabel do Porto. Um bravo a estas raparigas. Um obrigado bem sentido à apaixonada perseverança das suas Reitoras e Professoras.

Em seguida passam as casas para que vários concorrem. E temos: «Casa de N. Senhora das Candeias», com três achegas que totalizam 300\$, afinal sempre da mesma devota. E mais 100\$ para a «Casa de N.ª S.ª do Carmo» e «Deus sabe que não são fruto de nenhum sacrifício, mas sim dum acto de justiça para com o propósito começado há já alguns anos». Outros 100\$ para a mesma Casa, «a lembrar o dia 16 de Julho de 1956, testemunhando, deste modo, a minha gratidão a Pai Américo».

Dobram a esquina e começamos a ver os Pessoais: São eles, o do Grémio de Pani-

ficação do Porto com três presenças de 187\$50 + 180\$ + 187\$50. E o da Hica com outras três presenças de 2.032\$40 + 2.322\$40 + 4.997\$30. E como, desde a última saída, fechou um semestre, aí vem nesta a representação da Empresa com 11.839\$, tanto quanto o seu Pessoal juntou de Janeiro a Junho do corrente ano.

Temos ainda neste grupo a simpática presença da «Comissão angariadora do Pessoal do Banco de Portugal», com 1.500\$, «a subscrição (totalizando 15.500\$) para uma 2.ª casa dos Funcionários do Banco de Portugal».

Que lindo seria se nos outros Bancos e grandes Empresas houvesse quem tomasse a iniciativa e a conduzisse com a perseverança com que estes Pessoais aqui comparecem!

Vamos aos avulsos. Eu creio que já tenho explicado a razão deste nome, que ninguém tome por menos consideração. Neles incluo eu, os em cujo aparecimento ainda não achei nenhuma periodicidade de modo a poder agrupá-los, sob os outros pendões.

Mas logo o primeiro que surge é pessoa conhecida de mais vezes: Senhora inglesa que «em sinal de minha gratidão» manda 4 contos. Depois é um bilhetinho com tantas verbas de 100\$ quantas as espécies de obras que a Obra da Rua encerra, rematado por esta palavra:

«obrigada». Metade de um frequentador do Café Leão d'Ouro, do Porto, 200 «para festejar os anos de meu Marido e filho». Um casal de Luanda veio até nós e deixou 4.400\$.

Mais «uma família vossa amiga», de Lisboa, com 200\$. Da Rua Morais Soares em Lisboa 500\$, em lembrança do dia 16 de Julho e este desabafo amigo: «Como eu gostava de estar junto de vós na Capela onde os seus restos mortais repousam e assistir convosco à Santa Missa oferecida pelo seu eterno descanso. Estou, no entanto, em espírito». Quantos e quantos, louvado seja Deus, assim estiveram aquele dia!

«Eu e meu Marido enviamos estes 50\$ para comemorar as horas de prata de casados. Trezentos da Rua João das Regras e «que Deus me ajude a construir também uma casinha e a criar uma filhinha de um mês ainda». Quinhentos da Rua Jau, «dinheiro de várias esmolas que me dão», tal como já acontecera em 8 de Janeiro passado. E 20\$ de E. F. E mil, «para cumprir um voto já bastante antigo (...), em honra do Sagrado Coração de Jesus».

E pronto. Pelo comprimento

Continua na página QUATRO



